



# Desempenho de escolares rurais em narrativas escritas e possíveis relações com variáveis de perfil

## Rural students' performance in written narratives and possible relations with profile variables

## Desempeño de estudiantes rurales en narrativas escritas y su posible relación variables de perfil

*Eveline Bonki\**

*Jáima Pinheiro de Oliveira\*\**

### **Resumo**

O objetivo desta pesquisa foi caracterizar histórias escritas, produzidas por escolares, sem queixa de desenvolvimento de linguagem (oral e escrita), a partir de apoio pictográfico. De modo específico, pretendeu-se buscar nas histórias elementos que lhes conferissem coerência, relacionando esse desempenho com variáveis de perfil dos participantes. Tratou-se de um estudo descritivo-exploratório, realizado em uma escola municipal rural do interior do Estado do Paraná. Participaram 21 escolares, de ambos os gêneros e idades variando entre sete e nove anos. A coleta de dados consistiu da solicitação de duas narrativas - a história 1 e a história 2 - sendo que cada uma delas teve uma versão oral, após serem disponibilizadas, diante da criança, quatro figuras que, colocadas em sequência, formavam uma história e, uma escrita, originada dessa produção oral. A produção escrita das duas histórias é que foi tomada para análise. Os resultados indicaram que a maioria (71,42%) das crianças conseguiu produzir histórias coerentes, sendo 17 (80%) na história 1 e, 13 (61%) na história 2. Quanto à relação dessa coerência com o perfil dos escolares, na história 1 não houve associação estatisticamente significativa, referente a nenhuma das variáveis analisadas (gênero, idade e escolaridade), ao passo que, na história 2, houve associação estatisticamente significativa com o gênero (*p*-valor 0,027). Considera-se que a utilização do apoio pictográfico na elaboração de histórias confirmou-se como uma estratégia facilitadora da construção da mesma, pois este possibilitou a produção de narrativas coerentes.

**Palavras-chave:** educação; aprendizagem; linguagem infantil; estudantes.

*\*Bacharel em Fonoaudiologia pela Universidade Estadual do Centro Oeste, UNICENTRO. \*\*Pós-Doutora em Educação pela UNESP e pelo Instituto de Educação da Universidade do Minho (UMinho); Docente da Faculdade de Filosofia e Ciências da UNESP, Departamento de Educação Especial da FFC.*

## Abstract

*The goal of this research was to characterize written stories, produced by students, without complaint of language development (oral and written), from pictographic support. In a specific way, it has been searched, in those stories, elements that could grant coherence, applying that performance with the participants' profile variables. It was characterized as a descriptive-exploratory study, held at a rural municipal school in the State of Parana. Twenty-one (21) students of both genders and ages between seven and nine years old have participated in this study. Data collection consisted of two narratives requests: one oral, after being released, to the child, four pictures placed in sequence to form a story, and one written. This writing production had been taken for the analysis. The results have indicated that most children (71.42%) managed to produce coherent stories, seventeen (80%) in story 1 and thirteen (61%) in story 2. As to the relation of that coherence with the students' profile in story 1, there has been no statistically significant association, for none of the analyzed variables (gender, age and education), whereas there has been a statistically significant association with gender in story 2 (p-value 0.027). It is considered that the use of the pictographic support in developing stories have been confirmed as a facilitating strategy for its construction, for it has enabled the production of coherent narratives.*

**Keywords:** education; learning; child language; students.

## Resumen

*El objetivo de esta investigación ha sido la de caracterizar historias escritas, producidas desde un apoyo pictográfico, por alumnos que no presentan problemas de desarrollo del lenguaje (oral y escrito). De modo específico, se ha buscado recoger en esas historias elementos que les confieran coherencia, relacionando ese desempeño con variables del perfil de los participantes. Se trata de un estudio exploratorio descriptivo realizado en una escuela pública rural en el interior del Estado de Paraná. Participaron de esa investigación 21 estudiantes de ambos los sexos, con edades variando entre siete y nueve años. La selección de los datos ha consistido de la solicitud de dos narrativas: la historia 1 y la historia 2. Cada una de ellas tubo una versión oral, después de poner disponibles delante de los niños cuatro dibujos que, puestos en secuencia, formaban una historia y una escrita que se originó de la oral. La producción escrita es la que ha sido analizada. Los resultados han indicado que la mayoría (71,42%) de los niños habían logrado producir historias coherentes, siendo 17 (80%) en la historia 1 y 13 (61%) en la historia 2. En lo que dice respecto a la relación de esa coherencia con el perfil de los estudiantes, en la historia 1 no hubo asociación estadísticamente significativa cuanto a las variables analizadas (el género, la edad y la educación), mientras en la historia 2 hubo asociación estadísticamente significativa con relación al género (p-valor 0,027). Se considera que la utilización de apoyo pictográfico en la elaboración de historias se ha confirmado como una estrategia que facilita su construcción, pues posibilitó la producción de narrativas coherentes.*

**Palabras clave:** educación; aprendizaje; lenguaje infantil; estudiantes

## Introdução

Diversos são os fatores que podem influenciar o desenvolvimento da narrativa escrita. Dentre estes, destacam-se a idade, o grau de escolaridade e o contato com materiais escritos em casa<sup>1,2,3</sup>. Na literatura, poucas pesquisas tratam especificamente dessa temática, seja em relação à narrativa oral, seja em relação à escrita.

Este estudo pretende abordar o uso do apoio pictográfico na produção de narrativas escritas de escolares sem queixa, com o intuito de contribuir com investigações sobre esse desenvolvimento.

Alguns estudos, como o de Cavalcante e Mandrá<sup>4</sup> indicam que as histórias narradas oralmente, a partir de apoio visual, são mais extensas e contêm uma estruturação linguística mais adequada, do que as histórias produzidas a partir do

relato pessoal. Quanto ao desempenho narrativo escrito, outras pesquisas<sup>3,5</sup> indicam que a utilização do apoio pictográfico também favorece a elaboração mais estruturada. Muitos estudos já foram realizados, a fim de investigar fatores que podem influenciar o desenvolvimento das narrativas escritas. Descreveremos alguns deles, a seguir.

Romano-Soares, Soares e Cárnio<sup>6</sup> realizaram uma pesquisa com 60 escolares que frequentavam a terceira série. O objetivo dessa pesquisa foi o de verificar os efeitos de um programa de intervenção na promoção de narrativas escritas destes escolares. Foram realizados 16 encontros semanais, com avaliação inicial e final da produção de narrativas escritas dos alunos. A base da intervenção consistiu em uma leitura de um livro infantil, por semana, e a produção escrita de uma história com o mesmo tema. Os escolares foram divididos em dois grupos: na intervenção voltada para o grupo A, as histórias eram lidas na íntegra por meio da projeção destas em transparência e, na intervenção para o grupo B, as histórias eram contadas para os alunos, utilizando uma linguagem padronizada. De acordo com os autores, todos os livros selecionados apresentavam o mesmo gênero discursivo, uma narração com sequência lógico-temporal e coerência textual adequada. Os resultados apontaram eficácia do programa para os dois grupos, porém, a estratégia de leitura compartilhada do livro na íntegra foi mais eficiente do que contá-las aos escolares.

No trabalho de Ferreira e Correia<sup>7</sup>, as autoras analisaram a influência de contextos de intervenção que envolviam atividades de natureza metatextual sobre a produção escrita de histórias. De maneira particular, as autoras examinaram a eficácia de situações de intervenção que levassem a criança a identificar, analisar e refletir sobre os componentes estruturais característicos de histórias, no que tange à produção escrita. Na primeira situação de intervenção, foram realizadas atividades que destacavam a estrutura narrativa das histórias, além de incentivar as crianças a refletirem sobre as características próprias desse gênero textual, por intermédio de duas histórias-exemplo. No segundo contexto, além da atividade de reflexão acerca da organização hierárquica da narrativa de história realizada a partir de uma única história-exemplo, foi ainda feito um levantamento de temas para a escrita de novas histórias. Os resultados mostraram um desenvolvimento significativo na qualidade da escrita de histórias das crianças que participaram

dos contextos de intervenção, em comparação àquelas que não participaram das atividades.

Os resultados encontrados por essas autoras possibilitaram concluir que fornecer instruções explícitas sobre a estrutura narrativa de histórias parece ser uma forma eficiente de ajudá-las na produção de histórias mais elaboradas. Além disso, confirmou-se a ideia de que a realização de atividades de natureza metatextual auxilia na promoção e no desenvolvimento do esquema narrativo de histórias, tanto na produção oral quanto na escrita. E, por fim, as autoras concluíram que essas atividades de natureza metatextual poderiam ser empregadas também com crianças que encontram dificuldades relacionadas à escrita de histórias.

Ainda, sobre a produção escrita de histórias, o estudo de Olinghouse<sup>1</sup> examinou os níveis preditores em relação ao perfil do estudante e aos tipos de instruções que poderiam ser utilizados, para facilitar a qualidade narrativa da escrita. Participaram desse estudo 120 estudantes (53 meninos e 67 meninas) do 3º grau de treze salas de aula de ensino básico. A avaliação inicial dos escolares incluiu medidas de leitura, escrita, de soletração, de quociente de inteligência, de compreensão gramatical e de conhecimento de gêneros textuais. Foi solicitada uma história escrita aos estudantes e, para a sua elaboração, eles passavam por três etapas. A primeira delas era um contato prévio com o tema, por meio da visualização e descrição oral de uma figura, escolhida dentre seis. Em seguida, era feita uma espécie de lista com palavras e frases, que auxiliariam na produção da história. E, por fim, os estudantes deveriam finalizar a história e copiá-la. A análise de dados ficou centrada no tempo em que cada estudante levava para esse planejamento e elaboração da história, bem como na qualidade da produção escrita. Os resultados obtidos revelaram que os preditores estatisticamente significativos para a qualidade de escrita incluíram o gênero, a facilidade para escrever e o planejamento. O gênero foi o preditor mais significativo, haja vista que as meninas escreveram quase dezesseis palavras a mais, em suas histórias. Por outro lado, a autora alertou que, nesse estudo, o gênero pode não ter sido o preditor principal, pois foram consideradas outras variáveis, não havendo tanto controle em relação ao gênero. A autora advertiu ainda, para o fato de as características dos escolares serem diferentes daqueles que corroboram a ideia do gênero. Ademais, o estudo apontou importantes

implicações no que se refere à necessidade de outras análises sobre a facilidade para a escrita. Os resultados sugeriram, por fim, que pode ser necessário fornecer instruções diferenciadas, para a produção de histórias, de acordo com as necessidades individuais dos estudantes.

Uma pesquisa realizada por Ferigolo<sup>2</sup> com duas crianças de idades e sexos diferentes, teve como objetivo avaliar a aquisição da linguagem, levando em conta a construção de narrativas. No estudo foram observados fatores que podem influenciar nessa construção, tais como: idade, nível de escolaridade, afinidade pela leitura, escolaridades dos pais, contato com a leitura de histórias infantis e outros.

Para essa análise, foram utilizadas histórias infantis como “Cinderela”, “O Gato de Botas”, “Branca de Neve”, dentre outras. Observou-se que a criança mais velha, apesar de ter pouco contato com a leitura e, de seus pais possuírem pouca escolaridade, produziu uma narrativa com maiores detalhes em relação àquela produzida pela outra criança. A autora justificou tal resultado, comentando que a criança com menor idade ainda encontrava-se em processo de aquisição de linguagem. Foi possível concluir que o ambiente e a socialização em que as crianças estão envolvidas são fatores determinantes na aquisição da linguagem, conseqüentemente, na produção de narrativas. Devemos, no entanto, ter o cuidado com as generalizações, em função da pequena amostra do estudo da autora.

No trabalho de Rodrigues, Queiroz e Alencar<sup>8</sup>, as autoras buscaram ampliar a compreensão de um trabalho cujo foco consistiu na análise do período de diferenciação entre o desenho e a escrita. Assim, o estudo buscou investigar se o desenho se tratava de uma atividade que influenciaria a construção de conhecimentos relativos à escrita, e se haveria influência de uma situação de produção do desenho em textos narrativos. Participaram do estudo 60 crianças, de sete a nove anos de idade, de duas escolas particulares do interior de Minas Gerais. Foram realizadas duas etapas, comparando as características com o desenho do cenário, antes e depois da história. Inicialmente, os alunos de cada série participaram, em sala de aula, de uma exposição dialogada sobre a estrutura básica de uma narrativa, que consiste em fornecer instruções explícitas sobre as partes de uma história, a saber: início, meio e fim.

Num segundo momento, o procedimento ocorreu no laboratório de informática, onde a instrução e a própria coleta de dados diferenciaram-se, de acordo com a situação de produção do texto narrativo e do desenho. Primeiramente, metade dos alunos desenhou um cenário, para uma história que foi escrita posteriormente por eles; em seguida, a outra metade escreveu uma história, para um cenário que foi desenhado, posteriormente, por eles. As narrativas foram analisadas, separadamente, por um grupo de juízes.

Os resultados indicaram que a situação desenho antes, influenciou o aparecimento das características “explicação causal” e “desfecho elaborado” nas narrativas das crianças de sete anos e a “resolução da situação-problema explicada” nas narrativas das crianças de nove anos. A situação desenho depois influenciou as narrativas das crianças de sete anos, quanto ao surgimento das características “explicação mágica” e “resolução da situação-problema sem coerência” e entre as crianças de nove anos, a característica “desfecho com mudança de tópicos”.

As autoras puderam observar que a ação de desenhar o cenário, antes de escrever a história, é uma tarefa que, de alguma forma, ajuda no imaginário da criança, pois dá forma a esse imaginário, emprestando-lhe concretude de tal maneira a abrir caminhos para o pensamento abstrato. Isso ocorre, por sua vez, sem se perder a riqueza da imaginação, via ficção e arte. Porém, ressaltaram que deve se realizar novos estudos com maior número de crianças, de idades diferentes, para identificar níveis de narrativas e perceber se há uma diferença significativa no fato de se realizar uma narrativa depois do desenho de um cenário, e utilizar diferentes tipos de histórias.

Um dos estudos pioneiros, envolvendo o desenvolvimento de narrativas, foi realizado por Lins Silva e Spinillo<sup>3</sup> com oitenta crianças, a fim de examinar o efeito de diferentes situações de produção na escrita de histórias. Os participantes do estudo deveriam ter de sete a dez anos, e frequentar de primeira à quarta série do ensino fundamental. Durante a coleta de dados foi solicitado que escrevessem histórias em quatro situações distintas: produção livre; produção oral/escrita; produção a partir de sequência de gravuras; e reprodução de uma história ouvida. Antes, porém, da aplicação das sessões, avaliou-se memória em curto prazo dos participantes, através de um teste de memória

verbal. Inicialmente, 320 histórias foram classificadas por dois juízes, cujos índices de concordância foram de 85%. As crianças foram classificadas em categorias hierárquicas de organização textual. Num segundo momento, cada criança foi analisada ao longo das quatro condições. Pôde-se observar que as narrativas mais elaboradas eram aquelas produzidas a partir da sequência de gravuras e a partir da história ouvida. Este efeito não foi observado entre as crianças das séries mais adiantadas, cujas histórias apresentavam uma estrutura narrativa elaborada em todas as condições.

Identificaram-se três níveis de desenvolvimento quanto à habilidade narrativa na escrita de histórias, desenvolvimento este que ocorre mesmo após a instrução formal da leitura e da escrita. No nível 1 as crianças não produziam histórias completas, nível 2 as crianças conseguiam produzir história completa dependendo da função da situação, e nível 3 as crianças produziam histórias completas bem elaboradas independentemente da situação.

Esse estudo também levantou os aspectos que podem influenciar a escrita de histórias tais como: os anos de escolaridade afirmando que o domínio do sistema de escrita não garante o domínio da habilidade de narrar, mas, essa habilidade parece progredir em níveis escolares mais elevados, já que em níveis mais elevados os textos de modo geral estão presentes na vida escolar das crianças em todas as áreas de conhecimento, desta maneira os textos podem contribuir para o desenvolvimento de esquemas narrativos. Outro aspecto que pode influenciar seriam as situações de produção, envolvendo o apoio oferecido. As autoras afirmaram que as narrativas com estrutura e organização linguísticas mais sofisticadas, foram as que receberam apoio visual. No entanto, ressaltaram que não seria apenas um mero apoio que contribui para a emergência de histórias elaboradas, mas a sequência de figuras que envolviam situações-problema a serem resolvidas pelos personagens.

Outro aspecto importante apontado pelas autoras foi o domínio de um esquema narrativo de histórias e as situações de produção. Foi possível observar que o desenvolvimento das habilidades narrativas de histórias parece manifestar-se semelhante, tanto na produção oral, quanto na escrita.

As autoras ressaltaram ainda que o desenvolvimento da escrita de histórias no contexto escolar deveria iniciar desde a pré-escola. Porém, os professores deveriam incluir nas gravuras situações

problema, metas e obstáculos a serem superados, a fim de proporcionar um melhor desenvolvimento das habilidades narrativas.

Em outro estudo, também clássico, sobre a temática, Lins Silva e Spinillo<sup>9</sup> compararam a escrita de histórias em crianças de classes sociais distintas (classe média e baixa renda), porém, já alfabetizadas e com os mesmos anos de escolaridade e de exposição à linguagem escrita no contexto escolar. Cada criança era solicitada a escrever uma história sobre o tema que desejasse, sendo, então, as produções classificadas em função do nível de esquema narrativo que apresentavam. Em ambos os grupos de classe média e de baixa renda, logo após a alfabetização, pode-se observar que é pouco frequente a escrita de histórias bem elaboradas. Essa melhor elaboração surgia com o passar dos anos de escolaridade, após a alfabetização. A principal diferença entre os grupos residia no fato de que o progresso na escrita de história era mais marcante entre as crianças de classe média do que entre as de baixa renda. Este resultado foi discutido em função de fatores sociolinguísticos relativos às diferenças quanto às experiências, oportunidades, contatos e interações que crianças de classes sociais distintas têm em relação à linguagem dos textos no ambiente familiar.

As autoras concluíram que, semelhante ao que ocorre com a produção oral, há uma progressão na escrita de histórias. Esta progressão está relacionada não apenas à idade e à escolaridade, mas também ao contato que a criança tem com textos no ambiente familiar, contato este que varia entre classes sociais distintas. Por fim, as autoras alertaram para o fato de que, além da produção livre, a reprodução escrita de textos é um aspecto importante que merece ser investigado, tanto entre diferentes gêneros de textos como entre crianças com idade/escolaridade diferentes<sup>9</sup>.

Diante dos estudos ora descritos, pudemos observar que vários fatores podem influenciar o desenvolvimento da narrativa escrita, sendo os mais citados, a idade cronológica e o nível escolar no qual a criança se encontra<sup>3,5,7,9</sup>. Para alguns autores<sup>3,7,9</sup> a escolaridade aparece como fator determinante no processo de construção da narrativa. Outro aspecto bastante importante é o contato com material escrito em casa, nível social, e o auxílio pictográfico, pois em alguns estudos<sup>3,7,9</sup> é possível observar que as narrativas produzidas com essa



estratégia, possuíam mais detalhes, tornando-se mais completas.

Enfim, precisamos considerar estes fatores ao longo desse processo, pois os mesmos remetem-nos, conseqüentemente, ao processo de aquisição e desenvolvimento da linguagem, seja em sua modalidade oral ou escrita. Em nosso estudo, enfatizaremos o desenvolvimento da narrativa escrita, descrevendo peculiaridades desse processo em escolares rurais.

Diante disso, este estudo teve como objetivo caracterizar histórias escritas, produzidas por escolares rurais sem queixa de desenvolvimento de linguagem, a partir de apoio pictográfico. De modo específico, pretendeu-se buscar nas histórias elementos que lhes conferissem coerência, relacionando esse desempenho com as variáveis de perfil (sexo, escolaridade e idade) dos escolares.

## Material e Método

Tratou-se de um estudo descritivo de caráter exploratório, com a verificação da relação entre desempenho e variáveis de perfil. A presente

pesquisa respeitou todas as normas estabelecidas pela Resolução 196/96, acerca dos aspectos éticos em pesquisas com seres humanos e está aprovada pelo Comitê de Ética, sob o protocolo número 207/2010.

Esta pesquisa foi realizada em uma escola de ensino público, de uma cidade do interior do Estado do Paraná. A escola está localizada em uma zona rural, na qual há famílias de características socioeconômicas distintas.

Participaram deste estudo 21 crianças. Para incluí-las, houve critérios específicos, tais como: a criança deveria estar cursando entre o 2º e o 4º ano do Ensino Fundamental, à época da coleta; não deveria apresentar alterações fonológicas ou outro tipo de queixa escolar que sugerisse um quadro de alteração de linguagem, seja em sua modalidade oral ou escrita. Estes critérios foram estabelecidos, por se tratar de um estudo descritivo, cuja contribuição principal está em fornecer uma caracterização sobre o desenvolvimento narrativo escrito dessas crianças. A seguir, são apresentados dados do perfil destes escolares.

**Tabela 1 – Distribuição da amostra do estudo por gênero, idade e escolaridade**

Participante	Gênero	Idade	Escolaridade
P1	Feminino	8 anos	3º ano
P2	Feminino	9 anos	4º ano
P3	Feminino	8 anos	3º ano
P4	Feminino	8 anos	3º ano
P5	Feminino	9 anos	4º ano
P6	Masculino	9 anos	4º ano
P7	Feminino	8 anos	3º ano
P8	Feminino	8 anos	2º ano
P9	Masculino	9 anos	4º ano
P10	Masculino	9 anos	4º ano
P11	Feminino	8 anos	3º ano
P12	Masculino	8 anos	3º ano
P13	Masculino	7 anos	2º ano
P14	Masculino	7 anos	2º ano
P15	Masculino	8 anos	2º ano
P16	Masculino	8 anos	3º ano
P17	Feminino	7 anos	2º ano
P18	Masculino	8 anos	3º ano
P19	Masculino	8 anos	3º ano
P20	Masculino	8 anos	3º ano
P21	Masculino	7 anos	2º ano

Para a realização desta pesquisa foram utilizados os seguintes materiais e instrumentos: histórias ilustradas; Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e autorização da instituição para realização da pesquisa. Além disso, foram utilizados também MP4 marca NAPOLI, para gravação das histórias narradas pelas crianças e folha sulfite para anotações, dentre outros. As histórias utilizadas foram escolhidas levando-se em consideração, fundamentalmente, os temas, estes familiares e/ou de acordo com situações que envolviam o contexto de vida das crianças. A primeira história tratava-se de uma ilustração envolvendo cenas de um animal de estimação e sua dona. A segunda história referia-se a uma ilustração que continha cenas relacionadas ao dia a dia de cuidados de uma plantação.

A coleta de dados foi iniciada com uma visita à instituição, na qual as pesquisadoras esclareceram o objetivo do estudo e obtiveram autorização para sua realização.

Foram selecionadas crianças sem queixa de alterações fonológicas e/ou dificuldades de aprendizagem da leitura e da escrita, a partir da indicação das respectivas professoras. Essa indicação contou com um protocolo de perfil acadêmico. Este protocolo continha perfis que caracterizavam o desempenho escolar, com ênfase para os aspectos de linguagem oral, leitura e produção de texto. Em seguida, as pesquisadoras procederam a uma visita domiciliar, esclarecendo aos pais das crianças o objetivo da pesquisa e que a participação das mesmas não traria prejuízos. Após tais esclarecimentos, os pais que sinalizaram concordância quanto à participação do filho no estudo, assinaram o documento. Após obter a autorização da escola e dos pais, foi dado início à coleta de dados.

Especificamente sobre o ambiente de coleta, este foi constituído por uma sala de aula, disponibilizada pela escola. Cada criança era chamada, individualmente, para essa sala. Essa fase foi conduzida por uma das pesquisadoras que disponibilizava a história ilustrada para a criança, explicando que os desenhos, ao serem colocados em sequência, formavam uma história. Em seguida, era fornecido um tempo de dois a três minutos para observação das figuras. Após esse tempo, pedia-se à criança que ela contasse aquela história. Considerou-se que essa história produzida oralmente, tratou-se de um apoio secundário para a construção da história escrita. As histórias narradas, oralmente, foram gravadas em MP4.

Num segundo momento, a pesquisadora fornecia ao participante uma folha de papel sulfite, lápis e borracha e solicitava-lhe que escrevesse aquela história que ele tinha acabado de narrar oralmente. As figuras ficavam disponíveis para consulta, caso a criança quisesse manuseá-las novamente. Essa segunda produção (escrita) é que foi tomada para análise, no presente estudo. Ressalta-se que, em nenhum momento da produção da criança, houve intervenção da pesquisadora.

Inicialmente, as produções escritas das crianças foram analisadas do ponto de vista da presença dos elementos que a formavam<sup>10</sup>. Ou seja, foi observado se nestas histórias estavam presentes os seus elementos fundamentais: cenário, tema, enredo e resolução. Foi analisada também a sequência destes elementos nessas narrativas.

Por se tratar de um sistema de classificação, essa primeira análise contou com a participação de dois juízes, que também fizeram essa classificação. Um dos juízes possui graduação em Pedagogia e o outro em Fonoaudiologia. Além disso, foi realizado também o cálculo do índice de concordância, utilizando-se o CIF (Cálculo do Índice de Fidedignidade) de 100% da amostra das histórias produzidas pelos escolares. Esse índice é utilizado para verificar se há confiabilidade nos registros obtidos, especialmente aqueles que levam em consideração as classificações produzidas. O critério mínimo para que a narrativa produzida fosse considerada como coerente, foi a presença dos elementos principais dessa produção (tema e enredo), com base em Morrow<sup>10</sup>, Spinillo e Martins<sup>11</sup>. Há dois critérios: um colocado acima, de acordo com Morrow, e este, colocado agora. Após o estabelecimento da existência ou não das categorias de coerência das histórias, foi feito o cálculo do índice de fidedignidade, aplicando-se a fórmula a seguir, conforme figura explicativa.

### Concordâncias

$$IF = \frac{\text{Concordâncias}}{\text{Concordâncias} + \text{Discordâncias}} \times 100$$

### Concordâncias + Discordâncias

**Figura 1 - Fórmula para cálculo do índice de concordância**

**Legenda: IF = índice de fidedignidade.**

O índice de fidedignidade (IF) obtido entre os dois juízes e a pesquisadora responsável pela coleta foi de 80% em relação à presença de coerência na narrativa 1 e, de 90%, em relação à narrativa 2. Após a verificação da presença de coerência nas histórias produzidas, ainda foi analisado se haveria diferença significativa entre a narrativa 1 e a narrativa 2, ou seja, se a coerência foi modificada em função do tema de cada narrativa. Para essa análise foi utilizado o teste de *Igualdade de Duas Proporções*. Foi definido um nível de significância<sup>1</sup> de 0,05 (5%). Ou seja, todos os intervalos de confiança construídos ao longo do trabalho, consideraram 95% de confiança estatística.

Por fim, os resultados obtidos foram comparados, do ponto de vista do perfil das crianças, isto é, de acordo com a idade, a escolaridade e o sexo. Nessa segunda análise, na qual foi medido o grau de relação e/ou associação da coerência de cada uma das narrativas com as variáveis de gênero, idade e escolaridade, foi aplicado o teste de *Qui-Quadrado*.

Para essas análises estatísticas foram utilizados os Softwares SPSS V16, Minitab 15 e Excel Office 2007. Os resultados obtidos, inicialmente, foram apresentados por meio de quadros, indicando a

**Tabela 2 - Distribuição das narrativas em relação à coerência**

	Narrativa 1		Narrativa 2		p-valor
	N	%	N	%	
Sim	17	81,0%	13	61,9%	0,172
Não	4	19,0%	8	38,1%	
p-valor	<0,001		0,123		

Observa-se, na Tabela 2, que na última coluna tem-se um *p-valor* de 0,172, referente à comparação entre as duas narrativas. Assim, verifica-se que, embora a narrativa 1 tenha um percentual de 81,0% de coerência contra 61,9% da narrativa 2, essa diferença não foi significativa, já que para isso, esse *p-valor* deveria ser igual a 0,05 ou inferior.

Na última linha dessa tabela, temos os *p-valores* da análise em cada uma das narrativas. Nesse caso, verifica-se, que na narrativa 1 o percentual de 81,0% de coerência é estatisticamente significativa

**Tabela 3 - Relação e/ou associação da narrativa 1 com as variáveis gênero, idade e escolaridade**

Narrativa		Não		Sim		Total		p-valor
		N	%	N	%	N	%	
Gênero	Feminino	1	25%	8	47%	9	43%	0,422
	Masculino	3	75%	9	53%	12	57%	

<sup>1</sup> Trata-se do quanto se admite errar nas conclusões estatísticas, ou seja, o erro estatístico que estamos cometendo nas análises.

presença/ausência dos elementos que constituem as histórias, dando coerência às mesmas. Em relação aos resultados estatísticos, estes foram apresentados por meio de tabelas.

## Resultados

### 1) Caracterização das histórias produzidas

#### a) Do ponto de vista da coerência

Durante a produção da narrativa 1, foi possível observar que 17 (80%) histórias apresentaram coerência mínima, ou seja, pelo menos tema e enredo. Esse dado indica um número alto de produções coerentes.

Em relação à segunda história, esse índice foi de 13 (61%), também um número alto de produções coerentes. Desta forma, pode-se considerar que o apoio pictográfico oferecido foi eficiente na elaboração de histórias coerentes. Ou seja, esse apoio, em nosso estudo, confirmou-se como um facilitador dessa produção coerente.

### 2) Comparação entre as narrativas 1 e 2 do ponto de vista da presença de coerência

(*p valor* inferior a 0,05). Ou seja, o número de crianças que produziram narrativas coerentes, em relação ao tema 1, foi significativamente maior do que o número de crianças que não a produziram de maneira coerente.

### 3) Relação entre a coerência das histórias e o perfil dos escolares

a) Grau de relação e/ou associação da coerência de cada uma das narrativas com gênero, idade e escolaridade



Idade	7 anos	2	50%	2	12%	4	19%	0,157
	8 anos	2	50%	10	59%	12	57%	
	9 anos	0	0%	5	29%	5	24%	
Escolaridade	2º ano	3	75%	3	18%	6	29%	0,066
	3º ano	1	25%	9	53%	10	48%	
	4º ano	0	0%	5	29%	5	24%	

Observa-se, na Tabela 3, que não houve relação e/ou associação estatisticamente significativa para a narrativa 1, quanto a nenhuma das variáveis analisadas. No entanto, vale destacar a proximidade

do *p*-valor em relação à variável de escolaridade (0,06). Não foi encontrado respaldo sobre isso em estudos relatados anteriormente.

**Tabela 4 - Relação e/ou associação da narrativa 2 com as variáveis gênero, idade e escolaridade**

Narrativa		Não		Sim		Total		p-valor
		N	%	N	%	N	%	
Gênero	Feminino	1	13%	8	62%	9	43%	0,027*
	Masculino	7	88%	5	38%	12	57%	
Idade	7 anos	1	13%	3	23%	4	19%	0,426
	8 anos	6	75%	6	46%	12	57%	
	9 anos	1	13%	4	31%	5	24%	
Escolaridade	2º ano	3	38%	3	23%	6	29%	0,586
	3º ano	4	50%	6	46%	10	48%	
	4º ano	1	13%	4	31%	5	24%	

Legenda: \* Valores estatisticamente significantes ( $p < 0,005$ )

Na tabela 4, tem-se os dados em relação à narrativa 2. Os resultados estatísticos indicam que houve relação e/ou associação estatisticamente significativa entre a narrativa 2 com o gênero (*p*-valor 0,027). Dentre as crianças com narrativa coerente, 62% são meninas. Já entre as crianças sem narração coerente, temos que 88% eram meninos.

## Discussão

No que se refere à caracterização das histórias produzidas pelos escolares, ressaltamos que, cada um dos elementos (cenário, tema, enredo e resolução) que compõem as histórias possui características particulares que os fazem presentes na mesma<sup>10,11</sup>. Por exemplo: no cenário, é preciso que tenhamos pelo menos tempo, lugar e personagens; no tema, normalmente aparecem descrições de ações, com a presença clara de uma situação problema; no enredo, é preciso resolver esse problema, também com a descrição de ações. E, por fim, o desfecho da história ou, a sua resolução aparece,

também com descrição de ações. De modo geral, estes elementos é que dão coerência à história produzida, e eles devem estar, também, numa sequência adequada<sup>7,10,11</sup>. Sendo assim, a estrutura de uma história coerente basicamente inclui três elementos principais, que seriam o início, desenvolvimento e desfecho<sup>12</sup>.

Para Spinillo e Simões<sup>13</sup>, os elementos tema e enredo são os mais difíceis de surgirem nas produções narrativas de crianças. Porém, é preciso ressaltar que essas autoras estavam falando sobre as produções espontâneas. Alguns autores, como Silva, Kauchakje e Gesueli<sup>14</sup> afirmam que o problema da narração, que envolve esses dois elementos, seria a única parte da história que não poderia estar ausente, pois esta configuraria a narrativa, propriamente dita. Isso significa que a coerência de uma história fica comprometida caso esses elementos não estejam presentes. Spinillo e Martins<sup>11</sup> também apontam que a presença de desfecho/enredo nas histórias das crianças seria um diferencial de uma história com coerência.

Os dados sobre a comparação das narrativas 1 e 2, do ponto de vista da presença de coerência indicam que os temas podem ter interferido no desempenho das crianças. Alerta-se, entretanto, para o cuidado que foi tomado em relação à escolha destes, para que fossem “familiares” ou comuns à rotina das crianças. Por outro lado, não se pode dizer o mesmo, em relação ao tema 2. Nesse sentido, destaca-se que esse segundo tema (narrativa 2) tratava-se de uma situação na qual apareciam sequências de ações relacionadas à rotina de plantação, ou seja, práticas comuns no dia a dia das famílias das crianças que são de zona rural. Portanto, pode-se inferir que, talvez, o apoio pictográfico tenha sido complexo para a elaboração dessa narrativa. Mesmo assim, considera-se que é razoável, mais da metade (61,9%) das crianças terem produzido uma narrativa coerente com esse apoio.

Convém mencionar, no entanto, outros fatores que podem interferir nessa produção. Ferigolo<sup>2</sup> abordou aspectos relacionados à idade, escolaridade, afinidade e estímulos, em relação à habilidade de leitura, escolaridade dos pais e contato da criança com materiais escritos dentro de casa. A autora concluiu que o ambiente em que a criança está inserida, e o contato que a mesma apresenta com a leitura são fatores que influenciam o processo de construção da narrativa.

Outros autores, como Olinghouse<sup>1</sup> também alertaram para a importância do conhecimento das relações que as crianças tiveram antes do ingresso na escola, como um preditor para o desenvolvimento da linguagem escrita, de maneira geral. Ferreira e Correa<sup>7</sup> também apontaram o contexto de produção de narrativas como fator importante para que as mesmas apresentem-se coerentes. As autoras chamaram de contexto, a condição na qual a criança é solicitada a elaborar a sua história.

Sendo assim, é importante mencionar que, apesar de as crianças serem da mesma idade e com o mesmo nível de escolaridade, existem diferentes níveis de domínio de um esquema narrativo entre elas. Isso mostra que este domínio não depende apenas de fatores como idade e série, estando envolvidos outros aspectos neste processo de aquisição.

Sobre a relação entre a coerência das histórias e o perfil dos escolares, Lins Silva e Spinillo<sup>3</sup>, por exemplo, encontraram resultados que indicavam que as histórias mais elaboradas eram de grupos de crianças com maior nível de escolaridade.

O estudo delas examinou o efeito de diferentes situações de produções na escrita de histórias, no qual foi possível concluir que as crianças de séries mais adiantadas produziram histórias com estruturas mais elaboradas, em todas as condições. No entanto, comentaram que a habilidade de produzir narrativas coerentes parece progredir de forma mais acentuada na terceira e na quarta série do ensino fundamental, pois nestas séries os textos, de modo geral, estão mais presentes na vida escolar das crianças em todas as áreas do conhecimento.

Novamente, vê-se que o contato mais intenso com textos pode contribuir para o desenvolvimento de um esquema narrativo mais elaborado.

Outro estudo<sup>15</sup> envolvendo o efeito da escolaridade sobre a escrita de histórias foi realizado com crianças de baixa renda, alunos de primeira à quarta série de escolas públicas no Estado de Pernambuco. Observou-se que com o aumento da escolaridade aumentou o percentual de histórias completas e bem elaboradas. Nota-se, portanto, uma progressão na escrita de histórias com o aumento da escolaridade.

No estudo de Spinillo e Martins<sup>11</sup> também foram explorados os fatores idade e escolaridade. A amostra foi constituída com vistas a permitir analisar crianças com níveis de escolaridade distintos em uma mesma idade, e também crianças com um mesmo nível de escolaridade, porém, em idades diferentes. As produções foram classificadas em níveis envolvendo a presença dos elementos que conferiam coerências à história. As autoras puderam concluir que crianças alfabetizadas conseguiram produzir histórias mais completas e coerentes, sendo a escolaridade, fator determinante para isso.

O fator idade/ escolaridade também foi analisado em relação à produção de histórias no estudo de Lins Silva e Spinillo<sup>9</sup>. As autoras compararam a escrita de histórias em crianças de classes sociais distintas (classe média e baixa renda) e já alfabetizadas, com os mesmos anos de escolaridade e de exposição à linguagem escrita no contexto escolar. A partir dos resultados, pôde-se observar que em ambos os grupos foi pouco frequente a escrita de histórias bem elaboradas. Essa melhor elaboração surgia, com o passar dos anos de escolaridade, após a alfabetização. A principal diferença entre os grupos residia no fato de que o progresso na escrita de história era mais marcante entre as crianças de classe média do que entre as de baixa renda. Este resultado foi discutido em função de

fatores sociolinguísticos relativos às diferenças quanto às experiências, oportunidades, contatos e interações que crianças de classes sociais distintas têm em relação à linguagem dos textos no ambiente familiar.

Entretanto, reforça-se que os dados da presente pesquisa chamaram a atenção para o seguinte: a frequência maior (53%) de crianças que apresentaram narrativas coerentes, quanto à escolaridade, encontram-se no 3º ano e não no 4º. Muito embora a amostra seja pequena e os dados estatísticos não sejam significantes (*p*-valor de 0,06), eles merecem, no mínimo, uma maior investigação e atenção por parte dos pesquisadores que se interessam pelo tema. Bigarelli e Ávila<sup>16</sup> alertam para o fato de diferentes habilidades estarem envolvidas na produção escrita, assim como em outras instâncias da linguagem humana e, por consequência, isso acarreta influências mútuas.

Há vários estudos, dentre os quais destacamos o de Sandri, Meneghetti e Gomes<sup>17</sup>, que apontam o gênero feminino como vantajoso ou privilegiado, em relação ao processo de aquisição e desenvolvimento da linguagem. Nos dados obtidos, é possível que essa relação possa ser feita, quanto ao desenvolvimento da narrativa escrita.

Essas autoras realizaram um estudo para traçar o perfil comunicativo (habilidades comunicativas e interacionais, compreensão verbal e aspectos do desenvolvimento cognitivo) desenvolvimento normal da linguagem, correlacionando tais variáveis com a faixa etária e o gênero. Na comparação dos dados qualitativos pela faixa etária as crianças do G2 foram superiores ( $P < 0,05$ ), exceto no item compreensão da linguagem oral que se mostrou equivalente nos grupos ( $P = 0,217$ ). Em relação ao gênero, as autoras não encontraram diferença estatisticamente significativa, entretanto, observou-se uma superioridade do feminino, com indicadores de que as meninas falam mais cedo e produzem mais discursos.

É possível que, em investigações mais específicas, seja encontrado algum tipo de associação, em relação ao desenvolvimento de narrativas escritas com apoio. Interessante notar que a narrativa 2, cuja diferença foi significativa em relação ao gênero, tratou de um tema que, em senso comum, está sempre mais relacionado ao gênero masculino (agricultura, cultivo de lavouras).

## Conclusão

Este estudo pretendeu caracterizar histórias escritas, produzidas por escolares sem queixa de desenvolvimento de linguagem. A coleta priorizou o uso de apoio pictográfico. De modo específico, o estudo pretendeu analisar se estas histórias produzidas, com esse apoio, seriam coerentes, relacionando essa coerência com as variáveis de sexo, escolaridade e idade, destes escolares.

Os resultados encontrados permitiram as seguintes conclusões: a maioria (71,42%) das crianças conseguiu produzir histórias coerentes, a partir do apoio pictográfico fornecido. Com isso, pode-se considerar que esse apoio continha informações satisfatórias para essa elaboração.

Quanto à associação dessa coerência com o perfil dos escolares, conclui-se que, apenas em relação ao gênero, a mesma foi possível, pois na narrativa 1, não houve relação e/ou associação estatisticamente significativa, referente a nenhuma das variáveis analisadas. No entanto, isso ocorreu na narrativa 2, ou seja houve associação estatisticamente significativa com o sexo (*p*-valor 0,027).

Considera-se que o apoio pictográfico foi uma estratégia que facilitou a construção de narrativas, pois esta possibilitou a organização das produções das crianças, ou seja, foi um apoio que contribuiu para o desenvolvimento metalinguístico.

As observações aqui apontadas, no entanto, não são passíveis de generalização, visto que o estudo apresenta suas limitações, tanto de número de sujeitos, quanto metodológicas. Nesse sentido, sugere-se a realização de novas pesquisas que abranjam um número maior de participantes, com ajustes metodológicos necessários, para que se possa ampliar essa compreensão, em relação ao desenvolvimento de narrativas (tanto orais quanto escritas) com apoio pictográfico.

## Referências Bibliográficas

1. Olinghouse NG. Student and instruction-level predictors of narrative writing in third-grade students. *Read. Writ.* 2008; 21(2):3-26.
2. Ferigolo J. Fatores determinantes no desenvolvimento da linguagem infantil: comparação entre a narração de uma história realizada por duas crianças. *Rev. Ideia.* 2005; 1(1): 78-91.
3. Lins Silva ME, Spinillo AG. A Influência de Diferentes Situações de Produção na Escrita de Histórias. *Psicol. Refl. Crít.* 2000; 13(3):337-50.

4. Cavalcante PA, Mandrá PP. Narrativas orais de crianças com desenvolvimento típico de linguagem. *Pró-Fono R. Atual. Cient.* 2010; 22(4):391-6.
5. Oliveira JP, Braga TMS. Effects of a metatextual intervention program in developing written narratives of students with learning difficulties. *Un. J. Educ. Gen. Stud.* 2012; 1(1): 103-12.
6. Romano-Soares S, Soares AJC, Cárnio MS. Práticas de narrativas escritas em estudantes do ensino fundamental. *Pró-Fono R. Atual. Cient.* 2010; 22(4):379-84.
7. Ferreira SP, Correia JA. Influência de diferentes contextos de intervenção na escrita de histórias por crianças. *Estudos de Psicologia.* 2008; 25(4):547-55.
8. Rodrigues MRF, Queiroz SS, Alencar HM. Possíveis influências da elaboração de desenhos sobre narrativas infantis. *Psicol. Esc. Educ.* 2008; 12(2):203-19.
9. Lins Silva ME, Spinillo AG. Uma análise comparativa da escrita de histórias pelos alunos de escolas públicas e particulares. *R. Bras. Est. Ped.* 1998; 79(193):5-16.
10. Morrow LM. Effects of structural guidance in story retelling on children's dictation of original stories. *J. Read. Beh.* 1986; 18(2):135-52.
11. Spinillo AG, Martins RA. Uma análise da produção de histórias coerentes por crianças. *Psicol. Refl. Crít.* 1997; 10(1):219-48.
12. Spinillo AG. A produção de histórias por crianças: a textualidade em foco. In: Correa J, Spinillo AG, Leitão S. (Eds.). *Desenvolvimento da linguagem: escrita e textualidade.* 1ª Ed. Rio de Janeiro: Faperj/Nau, 2001. p. 73-116.
13. Spinillo AG, Simões PU. O desenvolvimento da consciência metatextual em crianças: questões conceituais, metodológicas e resultados de pesquisas. *Psicol. Refl. Crít.* 2003; 16(3):537-48.
14. Silva IR, Kauchakje S, Gesueli Z. M. Cidadania, surdez e linguagem: desafios e realidades. 1ª Ed. São Paulo: Editora Plexus, 2003.
15. Buarque LL, Higino ZM, Miranda EM, Dubeux MH, Pedrosa I. Avaliação do desempenho da rede pública escolar do Estado de Pernambuco na área da linguagem. *Est. Aval. Educ.* 1992; 1(5):95-106.
16. Bigarelli JFP, Ávila CRB. Narrative and orthographic writing abilities in Elementary School students: characteristics and correlations. *J. Soc. Bras. Fonoaudiol.* 2011; 23(3): 237-44.
17. Sandri MA, Meneghetti SL, Gomes E. Perfil comunicativo de crianças entre 1 e 3 anos com desenvolvimento normal de linguagem. *Rev. CEFAC.* 2009; 11(1): 34-41.

**Recebido em** abril/13; **aprovado em** agosto/13.

**Endereço para correspondência**

Jáima Pinheiro de Oliveira. Endereço: Av. Hygino Muzzi Filho, nº 737, Bairro Mirante, Marília - SP/Brasil

CEP: 17.525-900.

**E-mail:** [jaimafono@gmail.com](mailto:jaimafono@gmail.com)